

10-01-2020

“Não queria ser o mar me bastava a fonte”

Rosângela Gaze

[Médica. Instituto de Estudos de Saúde Coletiva/UFRJ]

Semmelweis não ambicionava prestígio nem reconhecimento. Bastava-lhe ser fonte, orvalho, atalho como na canção *O ouro e a madeira* [Ederaldo Gentil, 1973]. Sua trajetória na saúde pública, injustamente pouco conhecida, motivou-me a iniciar conversas nesta coluna que tantas vezes me conduz a temas e prismas impensados, relegados... Ignaz Philipp Semmelweis, médico húngaro, nasceu em 1818 e morreu em 1865, aos 47 anos. Há alguns anos, já médica formada, Semmelweis despertou meu interesse, ao saber que, em 1847, ele reduziu a mortalidade por febre puerperal em apenas um mês.

Naquele ano, no Hospital Geral de Viena, muitas mulheres morriam após o parto, junto com seus bebês. O hospital, onde havia a maior maternidade da Europa, recebia estudantes de vários países. As mulheres podiam ser internadas em duas unidades: na divisão das parteiras ou na divisão dos médicos, onde Semmelweis trabalhava. Observando a doença nas duas divisões, ele constatou que na divisão dos médicos a mortalidade era de 15% e na das parteiras bem menor: 4%.

A infecção puerperal acompanha o parto desde antes deste se caracterizar como procedimento hospitalar. A importância da limpeza na redução da mortalidade materno-infantil era conhecida desde 1750. Todavia, Semmelweis avançou no conhecimento quando, após cuidadoso estudo, identificou que as mãos de estudantes de medicina eram veículos de 'partículas cadavéricas'. Os estudantes costumavam frequentar as aulas de anatomia nas salas de necrópsia, de forma intercalada com as aulas nas salas de parto da divisão dos médicos. Tudo sem lavar as mãos. Ao instituir a *lavagem das mãos* com hipoclorito de cálcio (cal clorada), antes do atendimento ao parto, Semmelweis reduziu a mortalidade para duas mulheres a cada 100 partos. Uma redução extraordinária em apenas um mês.

Ao obrigar os estudantes a lavar as mãos antes de examinar as parturientes, Semmelweis controlou a propagação da doença. A febre puerperal (infecção puerperal) é enfermidade grave que surge horas após o parto e, mesmo, até 10 dias depois.

É uma infecção bacteriana que, sem tratamento adequado, pode se generalizar, disseminando-se pelo organismo (septicemia). Na era anterior aos antibióticos, como naquele tempo, a mortalidade era muito elevada.

"Sabe quem 'inventou' a lavagem das mãos? Um médico que morreu por causa de sua descoberta!" - contou-me um cirurgião detalhando passagens do fato. Com cinco anos de formada, achei curioso não conhecer a história do "Magiar Imortal". Semmelweis não frequentava comigo as aulas de obstetrícia. Passei a fazer perguntas e pesquisar sobre o antigo médico. Mais adiante, lendo George Rosen (1994, p.247)² meu interesse aguçou com sua observação sobre a "oposição, abuso,

luta desigual e perseguição torpe" dos médicos da época contra Semmelweis e Oliver W. Holmes (1809-1865). Este desistiu de sua carreira docente e decidiu ser escritor. Já, Semmelweis, após sua descoberta foi perseguido pelos demais médicos e demitido do Hospital de Viena, retornando à Hungria.

Mantendo-se obstinado em defesa das parturientes, foi internado em manicômio morrendo de septicemia decorrente de ferimento no dedo. Há 20 anos, ao assistir um documentário da BBC numa aula sobre prevenção da infecção hospitalar, apaixonei-me definitivamente pelo 'trabalhador' Semmelweis. Passei a utilizá-lo em aulas sobre história das doenças, conduzindo debates sobre a construção do conhecimento, a resistência a mudanças da comunidade científica e o decorrente desprezo dos colegas médicos a novas ideias.

Ao mergulhar na Saúde do Trabalhador, a partir de 2007, amadureci a ideia de desfiar o sofrimento e as motivações de Semmelweis como fio condutor dos percalços na construção de sua identidade como trabalhador pensante e criativo.

No documentário *O Inimigo Invisível*, minha atenção voltou-se para o empenho do médico em controlar a infecção letal de mães/bebês e ao seu sofrimento enquanto trabalhador, em sua resistência, defesa de ideias e práticas médicas, apesar de incompreendido pelos colegas. Estes 'doutores' não abriam mão de seus 'territórios' de poder para permitir o avanço do conhecimento. Semmelweis, em sua jornada de pesquisa-intervenção nos deixou uma série de ensinamentos: foi motivado pelo sofrimento das mães e crianças; valorizou a sabedoria das parturientes que aguardavam a troca de plantão (estudantes de medicina por parteiras) para se internarem; teve a coragem de construir hipóteses contra-hegemônicas; não se furtou a incluir alunos e médicos, inclusive a si mesmo, como 'agentes veiculadores da infecção'; instituiu medidas de controle antes de haver comprovação científica de sua hipótese. Nessa jornada teve catedráticos como importantes opositores, que temiam perder prestígio e dinheiro; recusava-se a receber recursos financeiros para realizar sua pesquisa; acreditava que as evidências e a verdade prevaleceriam, protelando a divulgação formal dos resultados de sua pesquisa. Isolando-se, em virtude do assédio moral de colegas, sem se despedir inclusive dos amigos, foi atestado como louco e deixou-se morrer (da doença que investigou) antes que pudesse conhecer os impactos das descobertas de Pasteur (pasteurização de vinhos e cervejas) e Lister (antisepsia nas cirurgias), no mesmo ano de sua morte (1865).

As agremiações médicas dos anos 1850/60 - e entidades de outras épocas - apegavam-se ao conhecimento estabelecido, não se permitindo efetuar novas perguntas para investigar realidades. Pessoas adoecem e morrem em decorrência deste apego. Lavar as mãos já salvou vidas, mas hoje muitos "*lavam as mãos*" ao verem trabalhadores adoecerem e morrerem neste enfrentamento. Convenciona-se afirmar que a Historiografia não emite julgamentos. E a Justiça? ■■■

Citações

1 - *The immortal Magyar* (Frank G. Slaughter, 1950)

2 - Rosen, George. *Uma História da Saúde Pública*. São Paulo: Hucitec. Rio de Janeiro: Abrasco, 1994.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.